

eq
Quarterly

vol.I - nº1 | Junho 2010

Arquivo

domingos caldeira francisco feio luís carvalho luísa de sousa miguel saavedra

3 editorial

4 arquivo

6 domingos caldeira

10 francisco feio

14 luís carvalho

18 luísa de sousa

22 miguel saavedra

26 ficha técnica

eq Quarterly

editorial

Com este número inicia-se a publicação, que se deseja regular, da eq Quarterly, uma revista de fotografia em formato digital, pensada como uma sùmula da produçãõ regular dos membros da Equivalentes. Pensou-se num formato assente em números temáticos, cada um reflectindo problemáticas que respeitem quer o trabalho individual, quer as preocupações do colectivo. Existirão ainda números especiais, *hors-serie*, que poderão funcionar como monografias de autor, incorporar fotografias de autores convidados chamados ao diálogo ou ainda relacionar-se com eventos da própria associação. Num país onde a falta de prática editorial de revistas periódicas de fotografia, fora do âmbito técnico, é um mistério (salvo as honrosas excepções ocasionais conhecidas) a eq Quarterly assume-se não como alternativa a esse estado de inércia mas como uma simples presença que induza ao movimento.

A fotografia apela ao arquivo. Desde a sua invenção e o início da sua prática existe uma estreita relação entre a produção da imagem fotográfica e o seu arquivo. Em plena era industrial, a câmara aparece como uma eficaz máquina de arquivar e o operador fotógrafo, mais tarde autor, como um produtor de registos, primeiro únicos, depois multiplicáveis, de uma realidade, essa sim única. Devido à natureza técnica do processo e ao poder mimético da imagem resultante, a concepção da fotografia como um análogo da realidade, um espelho com memória, consolida a percepção e construção da representação fotográfica enquanto registo verdadeiro de um momento único no espaço e no tempo. Esta concepção é sem dúvida amplificada pela natureza indexical da impressão fotográfica que encontra nos materiais fotosensíveis uma superfície de inscrição das partículas de energia que constituem a luz. O mundo encontra o seu duplo sensível na superfície da imagem e o seu sentido na nossa capacidade de o reconhecer e investir de realidade; a fotografia torna-se prova e registo dessa mesma prova. Objecto de arquivo por excelência, torna-se igualmente objecto passível de ser arquivado; classifica e é classificado, indexa e é indexado.

Este pendor documental e que vai estar associado não só aos primeiros anos de produção fotográfica como atravessará e marcará todo o resto de oitocentos, (não isento contudo de chamadas iniciais de atenção para a ilusão e exagero deste poder como se encontra, por exemplo, logo em 1840 no *noyé* de Bayard ao afirmar o potencial ficcional da fotografia) está desde logo presente na apresentação pública do novo processo feita por Arago perante a Academia e a Câmara dos Deputados. Aí, fala do registo da realidade através da produção de imagens com um poder de representação que as aproxima da sua origem, do seu modelo, de um

modo tal que as afasta completamente da distorção que a mão humana introduz no registo desenhado; fala da preservação da memória, da inventariação das formas, naturais e criadas, traçando todo um programa de acção que fotógrafos, intelectuais, cientistas, encomendadores e a própria história se encarregarão diligentemente de realizar. Começou logo com as viagens ao norte de África e as deslocações a oriente e continuou, por exemplo, em França com a *Mission Héliographique* ou as encomendas dos grandes trabalhos das *Ponts et Chaussées* ou nos Estados Unidos com as diversas missões geológicas que mapearam o território e desenharam as novas fronteiras. Nos países de tradição colonial, o inventário do Outro transforma o arquivo num instrumento de poder, tal como as polícias o farão em relação aos cidadãos que não cessam de chegar às cidades que agora crescem exponencialmente.

Torna-se mercadoria e objecto de colecção e permite a criação de arquivos pessoais e colectivos, heterogéneos como todos os outros, que reflectem os interesses dos seus criadores/recolectores.

O final do século vê alargar esta deriva arquivística com o aparecimento das câmaras ligeiras e o que ficou conhecido como a fotografia de amador. Todos agora registam tudo e fazem arquivos pessoais das suas famílias, dos seus círculos afectivos, públicos e privados, das suas vivências, do seu próprio apogeu e declínio.

O século XX veio consolidar o programa e alargar o debate com a entrada da fotografia no museu. Por um lado o inquérito sociológico cria uma grande produção de imagens com projectos de forte cunho ideológico e por outro a extensão e número de conflitos que atravessam

o século encontram na fotografia o instrumento ideal de registo. Nunca na história se fez tão grande produção narrativa de registo e arquivo. Na segunda metade do século, a topografia ressurgiu como um forte programa de trabalho paralelamente a um interesse na documentação e preservação da memória do mundo industrial que viu nascer a fotografia e ao qual a revolução tecnológica estava a relegar para o domínio da arqueologia. Com centro na Alemanha, a fotografia reencontra uma tradição na inventariação, classificação e arquivo de tipologias tão diversas que vão das grandes estruturas industriais, ao indivíduo e à identidade. Com o advento do digital, alteraram-se os regimes de produção, distribuição e arquivo de imagens ao ponto de hoje a rede ser a estrutura que liga um meta-arquivo virtual que se reconstitui a cada momento e onde a informação se torna cada vez mais complexa e indiferenciada: na grande rede, tudo se parece equivaler.

As fotografias que aqui se apresentam, são fragmentos de visões pessoais deste cruzamento da fotografia com o arquivo.

Podemos encontrar nas fotografias de Domingos Caldeira preocupações relacionadas com a topografia e a delimitação de uma linha de fronteira a par com a lembrança de que a fotografia, sendo um objecto material particular, neste caso obtido pelos métodos tradicionais, requer cuidados especiais de preservação e como tal, as provas foram sujeitas a um tratamento de permanência através da incorporação na prata de um metal mais duradouro e inalterável, no caso, ouro. Francisco Feio interroga o arquivo enquanto lugar físico que se constitui através de uma lógica própria de organização e construção da memória e é parte de um interesse mais vasto pela arquitectura e as estratégias de ocupação espacial. Neste caso são, na sua maioria, visões

parcelares, aproximações à superfície que geram uma espacialidade e contextos próprios revelando padrões de organização que tendem a reflectir uma ordem mais vasta. Luísa de Sousa trabalha um conjunto de ideias ligadas a um possível arquivo íntimo de sensações e afectos que se referem quer a lugares quer a tempos específicos. Luís Carvalhal explora visualmente a imagem do arquivo corrente pessoal e burocrático através da utilização de um dos seus elementos mais recorrentes que é a imagem da pasta. Miguel Saavedra olha para o seu arquivo pessoal e tenta recuperar para novos sentidos imagens que, por diversas razões, se perderam pelo caminho. Memórias de outras, são agora vestígios de si próprias.

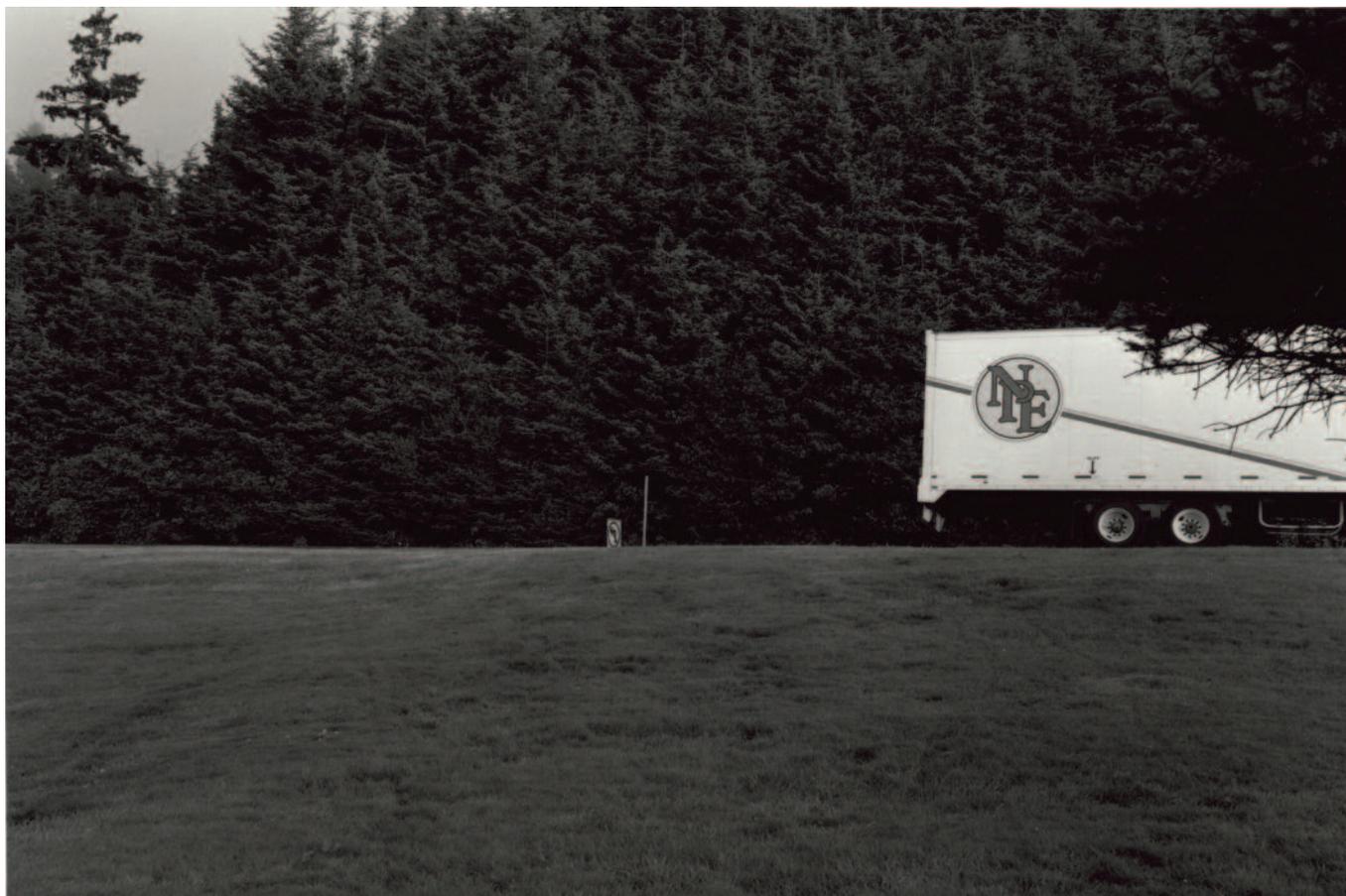
francisco feio, lisboa, junho 2010



domingos caldeira
pacific.line_00_#2
painted hills, john day fossil beds, state road 19, or, usa, 2000



domingos caldeira
pacific.line_00_#3
umpqua way side, state road 38, or, usa, 2000



domingos caldeira
pacific.line_00_#1
government point, boiler bay, us road 101, or, usa, 2000



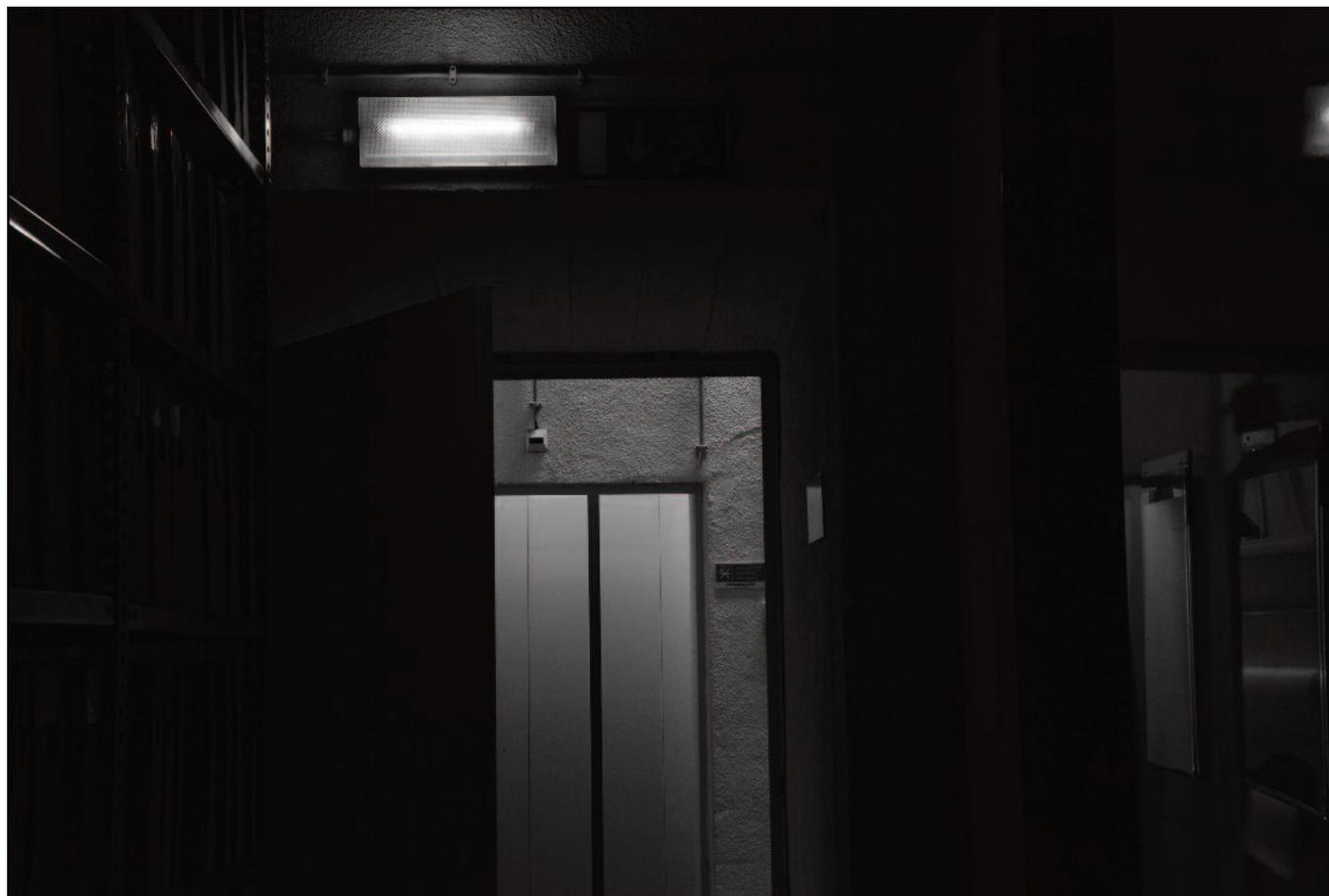
domingos caldeira
pacific.line_00_#4
shore acres, coos bay, or, usa, 2000



francisco feio
ahp_#2
lisboa, 2010



francisco feio
ahp_#1
lisboa, 2010



francisco feio
ahp_#4
lisboa, 2010



luís carvalho
icon_#4
lisboa, 2006



luís carvalho
icon_#3
lisboa , 2006



luís carvalho
icon_#2
lisboa, 2010



luís carvalho
icon_#1
lisboa, 2006



Luísa de Sousa
de terça para quarta_#2
lisboa , 2009



Luísa de Sousa
de terça para quarta_#1
Cidral, Rio Maior, 2007



Luísa de Sousa
de terça para quarta_#4
Blarney, Irlanda, 2005



Luís de Sousa
de terça para quarta_#3
salzburgo, 2006



miguel saavedra
índice_#2
ermida, gerès, 2006



miguel saavedra
índice_#1
vilarinho das furnas, 2006



miguel saavedra
índice_#4
alto da serra, 2006



miguel saavedra
índice_#3
santa cruz do douro, 2009

eq
Quarterly
vol.I - nº1 | Junho 2010

Arquivo

autores | domingos caldeira, francisco feio, luís carvalho, luísa de sousa, miguel saavedra

data | junho 2010

edição | francisco feio

editor e copyright | equivalentes_associação cultural

Av. Almirante Reis, 74 1B - 1150-020 Lisboa - Portugal - +351 960 412 567 - equivalentes@equivalentes.org

apoios |



